

QUINTA-FEIRA
Lisboa--26 de Dezembro--1929

5 TOILOS

4.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre

188



fiúre

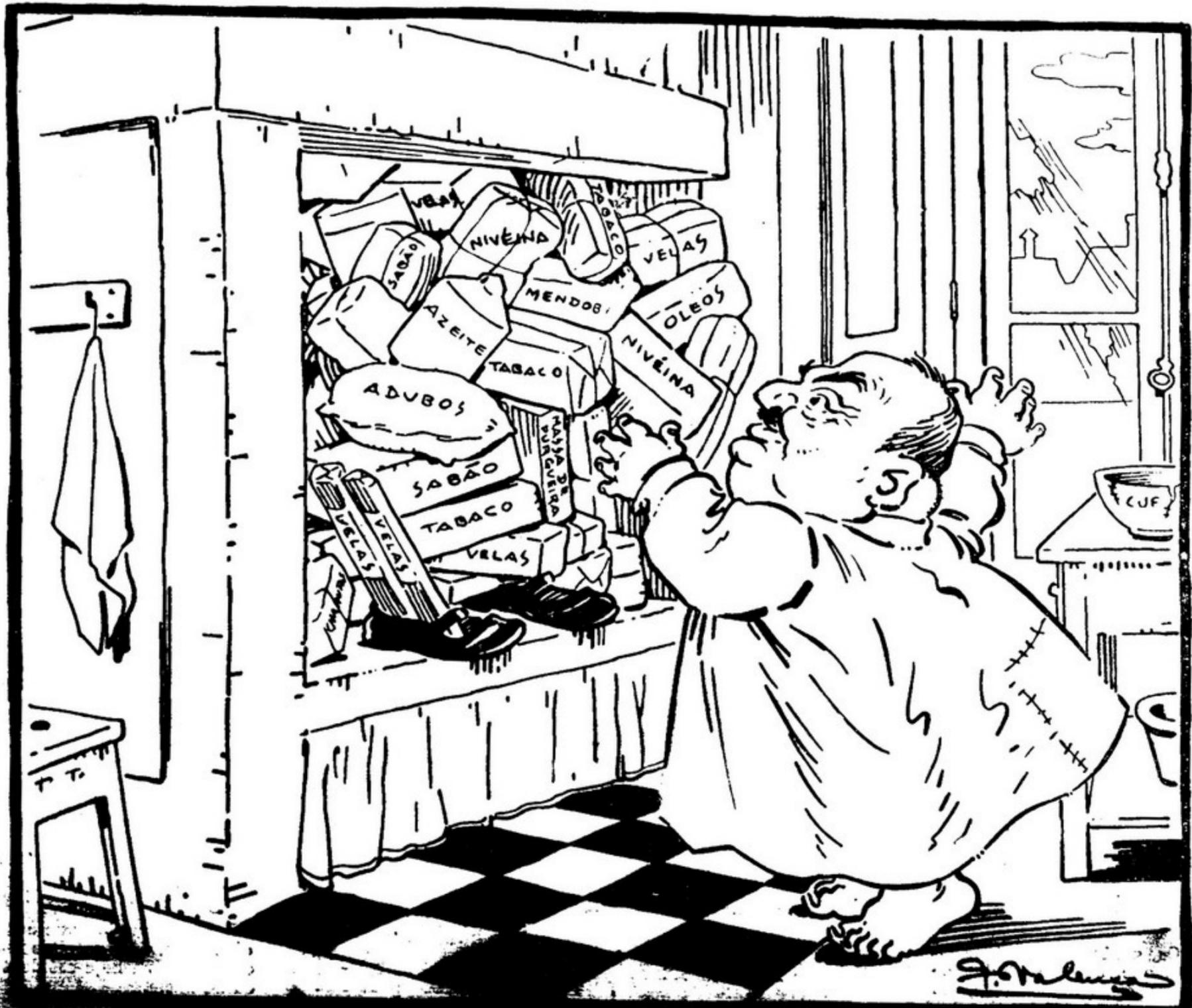
semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

O NATAL DO ALFREDINHO



Recebeu brandel 60.000 "papelotes" e um menino que descalçou os sapatinhos para não ficar "descalço."



Os ditos da semana



Tem a palavra o perú

Como esta semana é consagrada ao perú, os "Ditos da semana" di-los o perú. Para esse efeito ouvimos os perús dos mais celebres homens do nosso país, porque lá diz o ditado: diz-me com quem andas, dir-te-hei as manhas que tens.

Tem, pois, a palavra o perú.

O Perú do sr. Antonio Centeno:

Mais vale mal acompanhado do que só. Enquanto eu fui unico na capoeira, a razão era reduzida, mas assim que vieram outras companhias tive logo um aumento de 20 por cento no milho.

O Perú do sr. Antonio Cabreira:

1 grão de milho + dois grãos de trigo + 1/2 de ortiga + meio de sementes = papo cheio.

O Perú do sr. José de Figueiredo:

Uma perúa minha conhecida expeliu ontem um objecto redondo e branco que, apesar de aparentar certa dureza, se amachucou dum lado quando caiu no chão. Pensei logo em restaura-lo, mas resolvi depois identifica-lo primeiro. Branco é, perúa o pões, é um quadro de Nuno Gonçalves com certeza.

O Perú do sr. Heitor Passos:

Enquanto estive na antiga capoeira nunca consegui encontrar uma perúa que puzesse ovos de ouro.

O Perú do sr. Alirado da Silva

A vida resume-se em trez vintes: nascer num dia 20, ter sempre 20 gramas de milho para o almoço, e chegar a valer trez vezes 20 escudos. O resto é fumo.

O Perú do sr. Celorico Gil:

O meu diario glu-glu faz estarreecer a capoeira.

O Perú do sr. Julio Dantas:

Os perús meus antepassados que uzavam punhos de renda e penas empoadas, não tiveram nunca a gentileza e a graça do perú do nosso tempo, deixando-se imolar pela cosinheira para ir á meza transformado em perú truffé.

O Perú do sr. Ferreira do Amaral:

Gl u u, glu-glu, glu glu. Isto mesmo hei-de eu mandar afixar numa parede.

O Perú do sr. Prata Dias:

Não ha maior prazer na vida do que tapar o bico a um camarada que quer fazer glu-glu.

O Perú do sr. Cunha Lea:

Não ha melhor milho como o de Angola. Come-se até em cima dum banco.

O Perú do sr. Pina Lopes:

Isto é que é milho!...

O Perú do sr. Cervelho da Silva:

Quem quizer lugar nas minhas capoeiras tem de m'ó pagar com lingua de palmo. Sou um perú que tem senhoria e é senhorio.

O Perú do sr. Pinheiro Maluco:

Oh! porcalhão duma capoeira para que andais atraz dessas perfidas todas decotadas e de pernas á vela?

O Perú do sr. Almirante Gago Coutinho:

Eu voo como uma aguia.

O Perú do sr. Samuel Maia:

A couve é boa. O milho é bom. O trigo é optimo, mas o Pinheiro Maluco é melhor.

O Perú do sr. Eourdon e Menezes:

A maior alegria dum perú é ter ocasião de dar uma bicada.

O Perú do sr. Joaquim Manso:

Ha perús que gostam de cantar de galo, mas tão mal o fazem que nem as galinhas nem os perús os entendem. Não ha nada como falar cada um na sua lingua.

O Perú do sr. Agostinho Campos:

Porque será que quando faço có-có-ró-có os espanhoes me não entendem.

O Perú do sr. Acurcio Pereira:

Quando eu for mais crescido hei-de uzar monoculo como o meu dono e uns bigodes como o sr. Manoel das Neves.

O Perú do sr. Pereira Rosa:

Eu sei o que valho e não quero parecer mais do que sou. E ninguem melhor do que eu se podia enfeitar com penas de pavão.

O Perú do sr. Manzoni de Sequeira:

Depois que ando por estes vales, estou depenado.

O Perú do sr. Lino Nelo:

Agora que vae chegar a minha hora só peço a Deus que se amercie da minha alma.

O Perú do sr. Brito Camacho:

Não ha duvida que o mez de Dezembro é fatídico para os perús. Já hoje cai dentro duma bacía.

O Perú do sr. Paulo Probst:

Agora nesta capoeira nova ha mais verde... e encarnado.

Um empenhosinho...



— Não lhe posso valer, mas penha o sr. os senhores na situação que se vai pedir ao Menino Jesus para se lembrar de si...

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

A ceia ao N. F., no sabado passado, decorreu — como não podia deixar de ser — num ambiente alegre e folgazão. O humorismo predominou. Feriram-se, no entanto, todas as notas. Desde a que esportulámos a porta até á de musica, nas mãos maravilhosas de Nicolino. E já que falamos em notas, faremos o resumo dos brindes pelas notas que tocaram.

Assim:

- Nota policial — Ferreira do Amaral
- Nota comica — Erico Braga
- Nota velha — Augusto Pina
- Nota critica — Crislovam Aires
- Nota do empresario — Nobre Martins
- Nota da 1.ª fila — Sebastião Teles
- Nota musical — Nicolino Milano.
- Nota espiritosa — Pereira Coelho
- Nota espirita — Felix Bermudes
- Nota sentimental — G. Pereira de Carvalho
- Nota em cheque — Nascimento Fernandes.

Sem falarem, deram ainda nota da si:

- Nota real — João Sequiera
- Nota grave — Amareino
- Nota tema — Carlos Moniz Pereira
- Nota fotogenica — João Ramos.
- Nota de 50 — Todos (e não eu!)

O Vazconcelos e Si não deu a nota de assistencia e os jornais não deram nota do discurso do homenageado e por isso ele aí vai:

Minhas senhoras e meus senhores: — E' com as lagrimas nos olhos que lhes partifico que não me saiu a sorte grande! Se a tivesse apanhado, não eram Vossas Excelencias que me ofereciam a ceia: era eu que a oferecia a Vossas Excelencias. Mas o bilhete saiu branco. Foi uma galinha! E já lá diz o dictado: branco é galinha o pde. Tinha de ser. Mas em compensação outra sorte me saiu. A maior da minha vida: vejo aqui á roda todos os meus amigos, os *fixes*, aqueles a quem eu tenho no coração e que me tratam com tanta ternura e tanta amizade... Na roda da existencia eu sou um homem feliz. Tenho o numero de amigos mais simpatico e de maior palpite que ha na lista dos affectos. Posso considerar-me o verdadeiro «campeão» das amizades... (*bebendo*). Isto é para rebater... E como tenho que fazer este brinde com todas as «cautelãs», começo por dobrar o meu joelho, á laia de personagem de Luis XV, que não é a especialidade das minhas interpretações, para beijar enternecidamente as mãos das princessas da arte que desceram até mim... Obrigado!, queridas colegas!... A vossa presença veio dar a esta ceia a nota enternecida da ceia do Natal, que é como quem diz da ceia do nascimento... do Nascimento Fernandes.

Obrigado! A vós outros, camaradas, o meu coração agradeço; sim, porque todos os que aqui estão são meus camaradas: ou do trabalho, ou da convivencia ou da amizade. Sinto-me ligado a cada um de vós, ou por um laço evocador do passado, que reflete uma amizade, ou por uma fineza recebida, ou por uma sugestão de simpatia; e a todos pela esperança, pela certeza de que este vosso preito de bondade



Depois do teatro... missa do galo

e de gentileza vem afervorar ainda mais a minha estima e tornar mais inquebrantavel a minha gratidão por todos vós. *Minhas senhoras e meus senhores:* Não os queria fatigar

mais. Já lá dizia o nosso collega Shakespeare «*Hoc copus hic labor est*»: quer dizer que até ao lavar dos copos ainda é brinde. E nesta conformidade, como estou com a mão na

massa, brindo pelas vossas felicidades e guardo no mais intimo da minha alma a recordação da primeira festa que me fizeram depois de eu ser pai. Para o miudinho que eu lá tenho em casa e que é hoje toda a razão da minha vida, eu levo as notas de sentimento e de alegria que recebi dos amigos do meu coração. E como estamos na quadra dos brindes, que é o fim do ano, com uma quadra acabo o meu sincero e despretencioso agradecimento:

*Não quero ser de em cor-de-rosa
Nem como a outra que diz,
Lembra que Vossas Excelencias também
Tudo muito indigesto
E me não me dá...*

ENTROU no T. A. a «maré de sorte»... Já não era sem tempo. Os aplausos a peça e aos interpretes continuava a lêr-se nos jornais. Uma nota queremos salientar: A forma como foi traduzida a obra. Damos a palavra a J. de F. que, no mesmo dia, se refere á tradução em dois artigos. Diz J. de F. ao artigo intitulado «Traduzir e adaptar»:

«... a tradução de uma obra de arte, não é uma simples transcrição da obra original para o idioma da lingua do leitor. É uma obra de arte nova, que deve ser feita com a mesma liberdade e a mesma criatividade que a obra original.»

Mais abaixo, na critica da peça, ainda J. de F. se refere á tradução nestes termos:

«Tradução de uma obra de arte não é uma simples transcrição da obra original para o idioma da lingua do leitor. É uma obra de arte nova, que deve ser feita com a mesma liberdade e a mesma criatividade que a obra original.»

Não se pode dizer mais. Folgamos com estas palavras. Trata-se de dois novos, e é aos novos que hoje está entregue os destinos do teatro... Os outros — não vai nisto carapuca alguma — já tiveram o seu tempo. Deixem viver os que tem trinta anos e que começam a fazer figura — figura que eles nunca fizeram...

AS manas do chapéu verde escorregaram na rua da Trindade. Escorregaram e na queda fizeram barulho... Tanto barulho que alguém muito chegado á empresa exclamou:

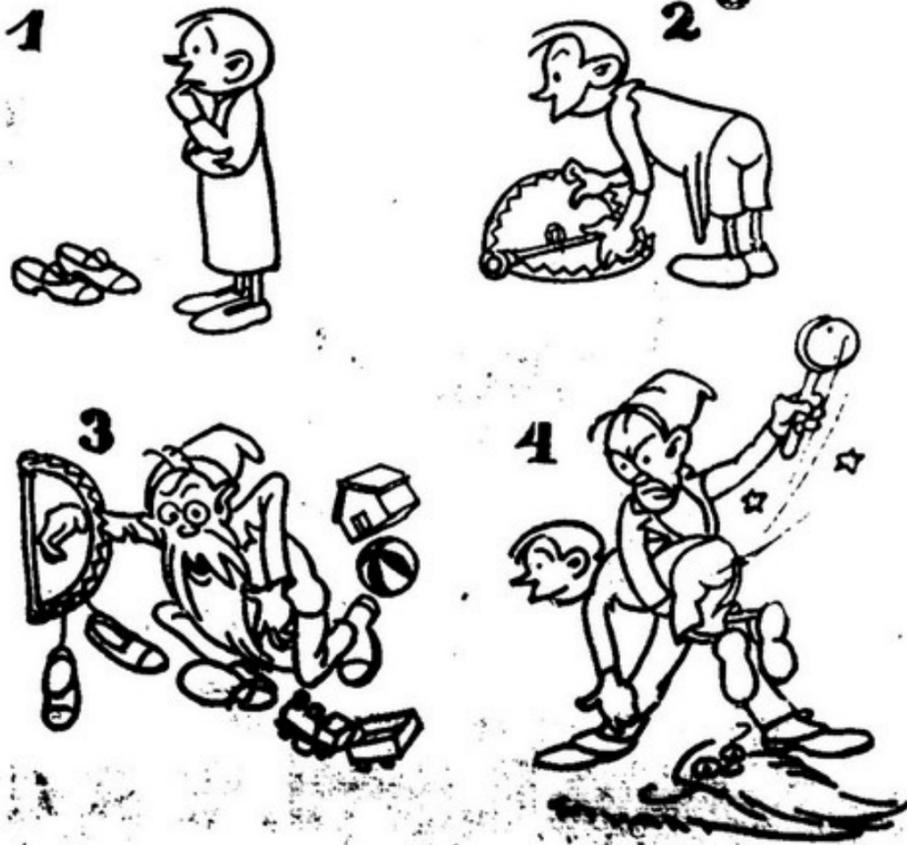
— Que *elês* adormecessem não me admirava, mas o que não esperava é que acordassem tão cedo...

A mamã gritou pelo ultimo lord. Este acudia e lá o vamos ter no T. P., depois de ter andado pela provincia...

O ultimo lord, apesar de viajado, vai ser o aperitivo para *A Aranha*... aquela aranha que andou presa na tela de muitos empresarios...

AQUELE «rapaz do meu tempo», o sempre joven N. M., não «chegou a tempo» á capital do norte. Chegar, chegou... o que lhe aconteceu foi ter «amado uma actriz...» o que na sua idade é prejudicial... E se assim fosse, o autor da peça — que pelo nome não se vê — é que não estava pelos ajustes...

Curiosidade castigada



1 — Zéca pensa na maneira de poder ver o Velho Natal. 2 — Põe uma ratoeira na chaminé com os sapatos. 3 — O pai do Zéca substitui o Velho Natal, pondo lá os brinquedos. 4 — Zéca paga cara a sua curiosidade.



—Ten a paciência! Não lhe posso car naja... porque levo as mãos muito ocupadas.

Historia da perúia

Nós morávamos numa casa estilo arranha-céus. Eramos sete.

Todos os finais do mês, nós pedíamos as nossas musas que nos inspirassem aquelas palavrinhas doces e convincentes que tivessem o magico efeito de convencer o casal dos donos da casa a adiarem o recebimento da renda dos quartos.

Na noite de Natal, em que se passa esta historia semi-tragico-aerea, mais ou menos, todos nós devíamos três meses. Não fomos para a rua, porque o Demosthenes da pensão, mostrou que não nos devíamos zangar.

Um tio de um nosso colega de uma «republica» mais rica emprestou-nos o dinheiro para a ceia e mandou-nos o sobrinho, acompanhado de uma perúia, servindo então o seu emprestimo para o recheio. Estava garantida a noite, e tudo ia muito bem quando entrou a dona da casa e nos disse perentoriamente:

— Quem não tem dinheiro não pode ter pandegas. Eu vi entrar para aqui uma perúia. Ora...

— Mas, minha senhora — interrompeu o nosso Demosthenes — Esta perúia foi apenas confiada á nossa guarda.

Ficamos embaçados, mas a nossa mocidade depressa triunfou.

— Meus! Só ha um recurso. Saem dois a rua. Um leva dinheiro e argumentos e convence a mulher do lugar a... alugar uma perúia. Diz-se-lhe que é para uma cerimonia de homenagem ao bicho sacrificado no Natal, que nós não mataremos; outro vai ás vizinhas de frente, combina com elas assar a perúia e depois mandá-la para cá, que nós guardamos uma perúinha e oferecemos bolos.

— Mas como sai a perúia viva, e como entra o animal pronto a comer?

— Então para que serve o genio? Não teria tido esta ideia se não fôsse possível montar para a janellas das nossas vizinhas um cabo vai-vem.

Assim se fez. Pelo ar, no alto deste saudoso quinto andar, foram passados trilhares, garrafas e, por

fim, a magnifica perúia assada com que nos banqueteámos.

— Minha senhora, — dissemos á dona da casa. — Vamos fazer uma missa do galo, com uma perúia. Já que não temos dinheiro para pandegas e comestinas, ao menos vamos rezar pelo bicho.

E resámos muito alto, para que nos não ouvissem comer. E quando a dona da casa entrou, desconfiada, nós mostrámos-lhe a perúia de aluguel, que entrara nos nossos aposentos, pelo mesmo processo do cabo vai-vem, como já havia entrado a sua assada companheira.



A consolação dos velhos na noite de Natal — é recordar o passado

ELEVADOR

Ela disse-lhe que não queria tornar a vê-lo.

— E ele o que fez?

— Apagou a luz.

— O Almeida não se cança de repetir que é extremamente cauteloso com a verdade.

— E, sim; extraordinariamente cauteloso para não a dizer.

— Aquele homem é casado, com certeza.

— Mas ele está completamente só, no hotel. Porque dizes isso, então?

— Pela grande alegria que lhe transparece no rosto.

Um sujeito dava uns suspiros tão lamentosos, enquanto estava no teatro, que fez com que o seu vizinho se voltasse e lhe dissesse:

— Porque suspira? realmente a peça não é triste a esse ponto.

— Oh! desculpe-me; mas é a suspirar pelo dinheiro que gastei.

— Papá, — pergunta o Carlitos — o que é um diplomata?

— Um diplomata, meu filho, — respondeu o pai — é um homem que se lembra do aniversario duma mulher e esquece a idade dela.

Queixando-se um sujeito de que um seu amigo, tendo obtido um lugar importante, o não tratava como amigo, disse-lhe um dos ouvintes:

— Então não vê que, quando alguém sobe uma escada, volta as costas aos que ficam em baixo?...

A patrão: — Permaneceu muito tempo na ultima casa onde esteve?

A nova creada: — Bastante; das sete da manhã ás sete da tarde...

Numa exposição de pintura futurista:

— Que representa este quadro?

— O ausente!

— Mas não se vê nada!

— Porque está ausente!...

Na escola primaria:

A professora: — De modo que não sabes porque razão os franceses se bateram com os alemães?

O aluno: — Não, minha senhora! Meu pai, quando lhe cheira a chamusco, não quer que eu saia á rua...

O presente
no sap



O calçado que
ao Me



Do burguez



Da «cocotte»



Do papo seco

Sempre Fixe² do leitor



parece este ano o Jesus



Do oficial



Do artista



Da ovarina



Do Zé Povo



Do Zé Povo

OS PERUS

Em dia de Natal, o peru é o prato obrigatório dos grandes restaurantes, o prato característico do jantar de família. Quando o respectivo chefe foi bafejado pela «taluda», quando é banqueiro, quando tem 20 contos por mês, ou quando fabrica por conta própria daquelas notas de mil escudos, tão parecidas, que até parecem verdadeiras...

O peru é um animalsinho que em dia de Natal costuma andar de monco caído, com um certo ar de importância, e de léque aberto porque apanha sempre um calor se alguém oferece trezentos escudos pelo casal... Animalsinhos de luxo, são eles, nesta época, o assunto obrigatório das crônicas, dos versos, das criadas, das patrões e da Praça da Figueira, e é perante a sua superioridade, com a devida vénia e com licença de Suas Exce-lências, que eu que não tenho dentes para lhes trincar nem nas per-ninhas... vou cosinhar a prosa a vê se tem *cabidela*...

Zoologicamente falando, o peru, na classificação latina, é uma *avis rara* que usa penas permanentes e tem por vezes a carne «Endura» que nem ossos... O caríssimo peru é um animal de sorte porque não tem *galinha*, e como anda habitualmente com a perua, não se adapta à lei seca nem por um decreto do Senado americano. É pouco amável; detesta as cosinheiras; não utiliza o autoclismo e não gosta de policias. Como é facil calcular, o peru é macho e geralmente alimenta-se de *femeas* migadas com hortaliça. Com desgosto do sr. Mario Duarte, os perús não sofrem dos dentes, nem usam pasta Cou-raça, e quando não comem são pa-pos-sêcos, o que os arreia muito porque a vaidade do peru está toda no papo.

Para substituir o peru num jantar de Natal ha ainda o recurso do Faisão, que o nosso Gualdino Gomes não comeu, segundo reza a historia, nem com molho de tomates... As mulheres preferem os patos porque se depeçam facilmente, e é por isso que este ano os perús andam arreliadíssimos com a concorrência...

Entretanto, para esquecerem máguas, os perús que geralmente não são páis arranjam meúdos que, servidos com arrós, são comidos com facilidade e prazer...

Este ano, vou ter para o jantar um peixe-galo que, não sendo carne; em peixe, não é ave nem peru...

SETE E MEIO



— Ainda que queira dar brinquedos aos pobres, não posso — porque eles não tem calçado!

A viagem da Miss

Cuidadosa, disciplinadamente, «Miss» Edith foi á estação do Ros-sio e marcou um lugar para Paris no comboio. Dali seguiria para Londres.

No dia que disciplinadamente marcara para a partida, «Miss» Edith dirigiu-se á estação do Ros-sio, onde sem um adeus subiu pa-ra a carruagem.

Verificou então, algo contraria-da, que naquele seu lugar, no lu-gar que marcara, teria de viajar de costas em relação ao andamento do comboio.

Chamou um empregado e pediu-

lhe delicadamente para lhe trocar o lugar por outro, por isso que muito a incomodava viajar assim.

— Se estes lugares também não estivessem marcados, — disse o funcionario — dava-lhe um. Mas assim... Pode vir o outro passagel-ro...

O certo é que o comboio se pôs em andamento e «Miss» Edith ocupou disciplinadamente o seu lu-gar.

Quando o revisor appareceu, vol-tou a fazer o pedido da troca de lugares.

— Talvez no Entroncamento se possa fazer isso. Antes, não, porque pode vir o outro passageiro.

Ali chegados, surgiram mil e uma dificuldades por parte do che-fe da estação para a tal troca e... a pobre «miss» lá continuou a viajar no seu lugar.

No Porto, fez identico pedido, mas identicas dificuldades appare-ceram.

A esperança estava agora em Vi-lar Formoso, mas ai, não fosse o lugar que dêssem á «miss» estar marcado em qualquer estação es-panhola, Edith viu-se forçada a continuar na mesma posição.

Em Salamanca, em Medina del Campo, succedeu a mesma coisa á pobre «miss», que ia já contraria-dissima com o precalço.

Chegada á fronteira francesa, «miss» Edith, mais esperçada do que nunca, dirigiu-se ao chefe da estação de Hendaya. Fez-lhe o pe-dido. Contou-lhe o que lhe vinha succedendo desde Lisboa.

— Teria muito prazer em ser-vi-la. Recelo apenas que o lugar que lhe dê esteja marcado em qual-quer estação e...

E «Miss» Edith passou Bayonna na mesma incomoda posição.

Bordeus!

Falou ao chefe da estação.
— Tenho muita pena, minha se-nhora. Mas não posso ser-lhe agra-davel... Mas... porque não experi-menta a senhora pedir a troca ao passageiro que ocupa o lugar em frente?

— Já me lembrei disso mas... é que nesse lugar não vai ninguém!



O premio que o Papá Natal dá aos meninos que não estudam

CONTO DO NATAL

Cerca das 7 horas da tarde do passado dia 24, vespera de Natal, subia eu, meditando e friorento, a Catçada da Ajuda, a caminho do meu tugurio desoladoramente desconfortante, quando se me depara, como por encanto, um vendedor destes balões multicolores que as crianças soem trazer na mão, á laia de bola aerea, quando ha festas ruidosas da cidade.

Ha muito que eu sonhava encontrar-me, por feliz acaso, munido do sufficiente numerario para comprar, em bloco, uma vasta collecção desses balões, a fim de, a meu geito e para meu gaudio, os soltar, libertos, seguindo-lhes com a vista deslumbrada a ascensão caprichosa. Nessa tarde, precisamente, vinha eu da administração do *Sempre Fixe*, onde recebera avultada maquia, consolador produto da fecundidade do meu cerebro. E não hesitei. Das centenas de escudos recebidos das mãos graciosas de Manzoni — o dadór — extrai, em rapido gesto, um nota em folha, onde a figura do falecido general Gomes Freire evocava, serena, a inaniidade das grandezas humanas. Era o que propriamente se chama uma *pelota de cem milhos*. E, estendendo-a, com certa solenidade, ao miseravel burafinheiro, disse-lhe assim: «Guarda o resto para ti, manco, e consola com abundancia a tua noite de prodigios».

Ao que o vendedor agradeceu reboando: — Que Deus o leve direitinho para o Céu, como esses balões quando se soltam.

Perante a sinceridade do pobre, nem sequer, no momento, me lembrei de que os balões em questão vão cair, em geral, fálhos de gaz, na Outra Banda, lá para Almada ou Palanca...

Radiante com a compra, resolvi não ir jantar a casa e, ingressando numa casa de petiscos, já minha

assaz conhecida, refasteiei-me com copioso repasto, igualmente copiosamente regado por um vinhinho novo que era uma delicia.

Em vão, já na altura dos prostres (como diria o sr. Agostinho de Campos), pretendendo eximir-me á influencia daquele doce nectar, eu cantava, em voz maviosa: «No te quero mas! No te quero beber mas!» Mas, qual o quê? O dianho do vinho parecia que tinha azas e tinha estabelecido uma carreira directa e regular do jarro bojudo para a minha garganta, tão dele sedenta como a minh'alma de ideal.

Tudo, porém, tem um fim! O taberneiro tambem queria consoar e, em termos bastantes convincentes, convidou-me a retirar; depois, bem entendido, de liquidar a conta assaz salgadota.

E encontrei-me de novo solitario, empunhando os duzentos balões multicolores, que horas antes comprara.

Ora aqui é que se faz um parentesis na minha memoria. Não sei muito bem como aquilo foi... Do que me lembro é de que comecei a soprar um ventinho aspero; eu comecei a desequilibrar-me; e, ás duas por três, zás! ai vou eu, agarrado aos balões, por esses ares fóra, tão naturalmente como quem vai para o Campo Grande tomar ar. Fui subindo, subindo, subindo... até que, a paginas tantas, já então muito atordoado, senti um grande estouro e venho, de escantilhão, cair numa coisa muito fófa, que, a principio, não pude adregar com

parar, chega-te para a gente e serás esta noite dos nossos.

nho. Do lado esquerdo de S. Pedro havia uma pessoa já de idade, mas ainda desempenada, que se entretinha a talhar a casca das castanhas, que a seguir colhia dum grande cesto, lançando-as á brazeira. Todos a olhar para mim, como se eu fósse um bicho esquisito, foi S. Pedro que quebrou o silencio preguntando-me, severo:

— Que vens aqui fazer, e como vieste? Mas, antes, quem és tu?... Algo atrapalhado, apresentei-me:

— Sou o *Cirano de Velhofrac*.

S. Pedro não se pôde conter; desatou numa gargalhada homérica, digna daqueles vastos ecos celestiais.

— Tens algumas bem boas, meu mariola; tens algumas muitissimo boas!...

Eu logo aproveitei a ensanchar acolhedora e contei como fóra ali parar. S. Pedro, então, pôs-me á vontade.

— Olha — explicou-me — este santo bispo é S. Martinho e este, da esquerda, o das castanhas, é Santo Isidro, o lavrador. Como o Menino Jesus foi para a terra distribuir brinquedos pelos sapatinhos da petizada cristã e só lá por volta das 10 horas é que está por ai de regresso, eu fechei a porta e resolvi consoar com estes meus velhos e santos amigos. S. Martinho trouxe um ódre com vinho novo das uvas dobradas do Olimpo e Santo Isidro lembrou-se de trazer castanhas, da nova colheita dum serto, que ele

aqui só chegam as coisas definitivas. Mas quantas vezes — *Bicanca* amigo (dizia-me Ele, batendo-me pancadinhas no ombro) quantas vezes das coisas miudas surgem os grandes efeitos! Olha que as miudezas tiveram sempre um grande papel na vida do homem...

— Ele — comecei a medo — ha agora a questão da luz...

— A luz da fé? — inquiriu o Apostolo.

— Não, meu senhor S. Pedro, a luz electrica.

— Ah! já sei. A luz do dr. Antonio Centeno. Olha, ai tens um mortal que não entra cá.

— Porquê? meu senhor S. Pedro.

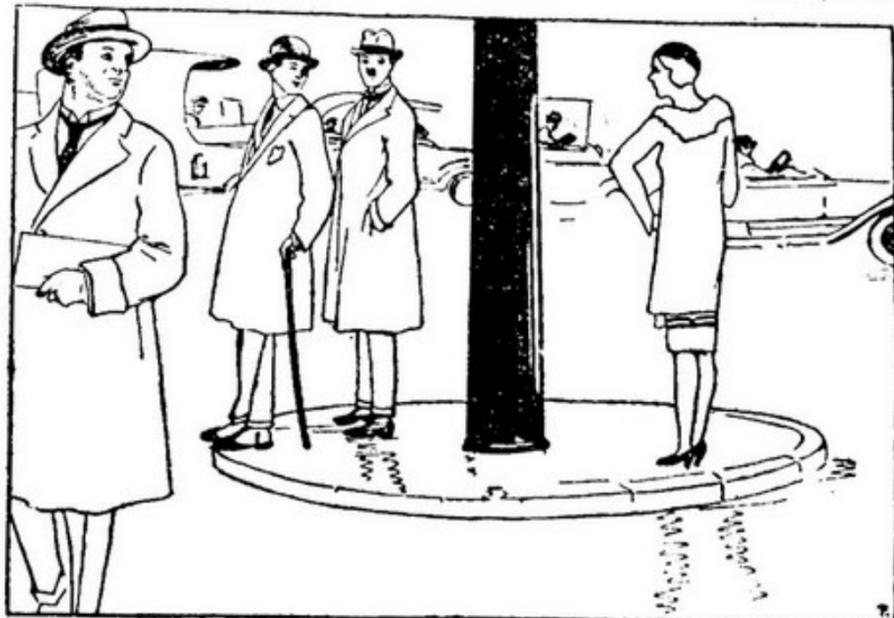
— Porque o Centeno é incomensuravelmente rico, e está escrito que mais difficil é entrar um rico no céu do que enfiar um camêlo pelo fundo duma agulha.

Eu é que enfiei. — Oh! meu simpatico S. Pedro, olhe que camêlo é que ele não é.

— Já sei — declarou S. Pedro — Camêlos são todos vocês, a quem ele enfia nas urzes da sua malicia, como se fossem bezugos. E a lei das compensações: ele gosará na terra as mirificas opulencias e vos, os humildes pagadores das favas todas, sereis, affim, recompensados; porque está escrito: bem-aventurados os pobres de espirito...

E foi no repeião da minha rebelião, quando, perdendo toda a continencia, eu lhe ia dizer: «Pobre de espirito, será ele, sr. S. Pedro!» que acordei, vestido, sobre a minha cama, tendo recostada a minha cabeceira, um garrafa de *Arancada*, e arrancada á minha fantasia esta historia que lhes ofereço, á laia de brás de milhinho fino. Ora, então, — muito boas-festas!

CIRANO DE VELHOFRAC



...Seguia eu a caminho do meu tugurio...

o que era. Os balões haviam rebentado e eu caíra, de chapa, sobre uma nuvem muito branquinha, mesmo ás portas do céu. Foi o que, com a clarividencia que me distingue, logo reconhecí, vendo o sr. S. Pedro, adiante de mim, algo arrelampado com a minha insolita vista.

S. Pedro estava sentado numa velha cadeira de espadar, com os bemitos pés junto duma brazeira crepitante, que ele avivava com uma grande chave do Paraizo. Ao lado direito, um sr. bispo estava, nessa altura, a destapar um volumoso ódre, cujo conteúdo, pelo perfume *sui generis*, reconhecí ser vi-

enertou com *marron* de Ardeche, saborosissima castanha e muito *puxavante*. Ora, como aqui vieste

Os meus amigos calculam como eu fiquei derretido. Troquei algumas impressões com o Patrono da Vinicultura acerca da questão do Douro (que ele conhecia mal) e descrevi a Santo Isidro a minha ultima experiencia de enxertar cravos sevilhanos em abobora porquiceira, a qual lhe mereceu a maior atenção. Foi S. Pedro o ultimo com que viajei animada conversa. Muito bisbilhoteiro, S. Pedro quiz saber o que ele chamava «as pequeninas novidades»:

— Tu comprehendes, ó Velhofrac,

HISTORICAS

— Para ti, João IV a D. Manoel...
— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...

— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...

— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...

— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...

— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...

— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...

— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...

— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...

— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...

— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...

— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...

— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...
— Para ti, Manoel...

A PENINHA REABRIU!

COM A DIRECÇÃO DO SEU PROPRIETARIO
Desaja V. Ex.º almoçar, jantar ou ceiar bem com suas Ex.ºas Famílias e com o cego? Vá a este tradicional Restaurant. — Variadissimo menu, comidas á portuguesa, ótimas salas para familias com pequenas mesas, unico Restaurant no genero em Lisboa. — Fornece almoços, jantares ou qualquer outra refeição ao domicilio, para o que tem pessoal devidamente habilitado. — Aberto toda a noite.

TELEFONE N. 5562
9, R. Pascoal de Melo, 9-A
ao Almirante Reis

Telefone automatico

Por mais rápido, eficaz,
Por mais simples, por mais pratico,
Porque este não satisfaz,
Leitor, em breve terás
O telefone automatico.

Mas como isso irá lesar
As moças telefonistas,
As moças vão atirar
Co'os aparelhos ao ar,
Armadas em sufragistas.

Tenho saudades das donas
Que esse sindicato inglês
Não gramava mandrionas,
Exigindo solteironas
Que carregassem nos *trrrrés*.

Eram desembaraçadas,
Não eram parvas nem broncas,
E sempre serão lembradas
Aqueles velhas chamadas,
Que eram as chamadas «troncas».

Recordo saudosamente,
E até com lagrimas, crêde,
Quando elas constantemente
Queriam convencer a gente
Que fóra engano da rede!...

Com que meiga e doce voz
Nos intrigavam, leitores,
Como a uns simples *patós*...
— Que na rede lamos nós
Em sermos subscritores!... —

JOÃO FERNANDES

Quereis dinheiro?

Jogal no
Lama
Rua do Amparo, 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes!

Entre amigos

— Onde comes agora?
— Janto e celo no Parque Mayer,
no «Castelo dos Mouros», porque
é o José Beltrão quem faz a comida.



O sr. Veramon que cura todas as dores, menos as de cotovelo...

A vida dum peru pobre

A historia dum pobre peru ou a vida dum peru pobre em nada se assemelha a vida dum rapaz pobre do meu conhecido colega Octavio Feuillet.

E' uma historia simples com a graça que vocelencias lhe acharrem, porque dos perus não reza a historia que eles tenham tido tanta graça como eu, o Silva Passos ou o Alvaro de Andrade, meus graciosos colegas.

Em boa verdade, convém até confessar e acentuar que a vida do meu amigo Gonçalves Perú foi uma vida desgraçada. Sem graça nenhuma. Graciosa foi apenas para ele uma licença que, como funcionario publico, lhe concederam, a ele que na rua do Ouro fazia horas para sair da sua graciosa repartição.

Mas vamos á historia.

Nascer o Perú, e a mãe levava o garoto, alguns anos depois, para o collegio lá da freguesia. Cresceu o menino em habilidades e intelligencia, tanta que, dois anos volvidos sobre a entrada na escola, o Perú saíia já que as vogals eram dezoito e as consoantes, consoante ele — apenas cinco.

Era um prodigio de creanço! E prodigiosamente, o meu amigo Gonçalves Perú galgou os degraus da vida, conseguindo uma situação um tanto ou quanto desafogada. Isto apesar de escrever o verbo ouvir com h e, ás vezes, com um outro ainda no meio da palavra.

Convém dizer de passagem que um dia lhe chamaram a atenção para o facto do h escusado. Perú então, par: não recair no erro em que tambem já caíra certo empregado dum teatro de feira, quando tinha de escrever o verbo haver, capava-lhe consciante e delicadamente o h.

... Os apontamentos a que me referia dizem que o Peru chegou a ser um grande homem, com uma segunda mão, a quem o falecido marido deixara comtudo em muito bom estado de conservação.

Foram para Sintra passar a lua de mel e, na volta, perguntou o Perú a sua cara metade:

— Diz, meu amor: de que gostaste mais lá no hotel?

— Não digo...

— Mas diz... vá...

— Não digo...

— Vá lá, diz...

— Do que eu gostei mais foi daquele official que estava sentado em frente da gente!

Palavras não eram ditas e Perú calu redondo no chão, com um ataque. Sentia-se peru em dia de Natal.

A perua da cara metade não se assustou com o caso, mas resolveu gritar por socorro quando o Perú, com um ataque de loucura, começou a partir tudo: louças, cadeiras, vidros, tudo, tudo, enfim, incluindo até metade da cara da cara metade da perua.

Algazarra dos diabos até que um policia e um moço de fretes conseguiram levar o pobre do Perú para o Governo Civil, de onde, dias depois, transitava para um manicómio.

Fui lá vê-lo no ano passado, em dia de Natal.

Preguntei por ele e levaram-me por fim á presença dum homem que, ao contrario do Gonçalves Perú que eu conhecera, estava num estado de magreza extrema, bigodes indecentemente grandes e mais porco que um suíno.

— Mas V. não é o Perú! — disse eu.

— Não sou?! Sou sim, senhor. E hoje é até o meu dia — o dia de Natal!

— Não me paroe! Você não é o Perú!

— Não sou?! Então V. vai vêri e não, aparrado, quem sou, dos um profumado gozo no porco, estando morto há cinco.

Imoralidade disto tudo: quem não quer morrer em dia de Natal — não é Perú.

DESPORTOS

A onda moralisadora do foot-ball

Continuam embriuhadas as coisas da bola. Além da demissão do presidente da Federação, ha a dos directores da Associação de Lisboa e a dos delegados desta na F. P. F. A. São perto de vinte lugaresinhos vagos. A facção triunfante poderá distribuir amplas bróas de Natal aos seus amigos...

A análise das bases morais do conflito é, evidentemente, favoravel á direcção da A. F. L. e seus delegados.

Mas se a gente começa a vêr quem são os incilitos agentes moralizadores, e se dá uma vista de olhos pelo passado — é muito difficil reprimir as gargalhadas.

Eu admiro até como não houve no congresso quem preguntasse ao presidente da Associação de Lisboa:

— «Vossa Excecelencia, integérrimo defensor do amadorismo integral, é capaz de garantir aqui, perante todos nós, e sob palavra de honra, que nunca qualquer jogador foi á sua loja receber dinheiro?»

Em resumo: foi preciso que acabasse o Palhará para que começasse a moralização.

Os leitores devem lembrar-se de que a moção que requalificou como amadores os jogadores profissionais aconselhava tambem a consulta á Federação Internacional.

E' claro que a consulta ou será teorica, ou será feita em termos de não aleijar...

Mas imaginemos que a secretaria da Federação Portuguesa enviava para a F. I. F. A. as fotografias de todos os suggestivos documentos da viagem ao Brasil, bem como a sua literal tradução. Que engraçado...!

A F. I. F. A. confirmava a decisão dos directores portugueses e teriamos: — ex-amadores, ex-profissionais, re-amadores e re-pro-

fissionais. Não eram jogadores de foot-ball. Eram camaleões.

Pregunta um leitor ingenuo: — «Mas antes desta viagem ao Brasil, houve uma outra... E antes dessa houve um celebre escandalo de Paris... E antes desse houve um faladissimo comité das pesetas, em Sevilha... Etc., etc., etc.»

«Porque é que, dessas vezes, nunca houve moralizadores pedidos: de demissão?»

Em alguns Estados da puritana America é proibido praticar desportos ao domingo — dia do Senhor.

Ora o Senhor não disse expressamente: — «Estareis sem fazer nada, sem mexer braços nem pernas: um dia em cada sete». Logo, os americanos exageram...

Mas a isto respondem eles:

— Pois sim! Mas o que o Senhor disse expressamente foi: *Amai-vos uns aos outros!* Ora lembrem-se do que são os desafios de campeonato. De modo que se proibimos as manifestações desportivas ao domingo é menos para obedecer á regra do descanso — do que por estrito dever de caridade...

O critico francês de box, Herring, informa-nos duma coisa muito interessante quanto ao ultimo combate entre Raphael e Sybille. O pugilista francês friccionou o coiro cabeludo e a cara com alcool. Sybille pretende que as emanações alcoolicas o incomodaram no fim do combate. Isto é muito extraordinario — e admira como o arbitro não interveio.

Em todo o caso, será bom seguir com atenção este novo processo. Porque depois do alcool teremos o amoniaco. Depois o éter... o clorofórmio... E um dia: o revólver escondido nos calções.

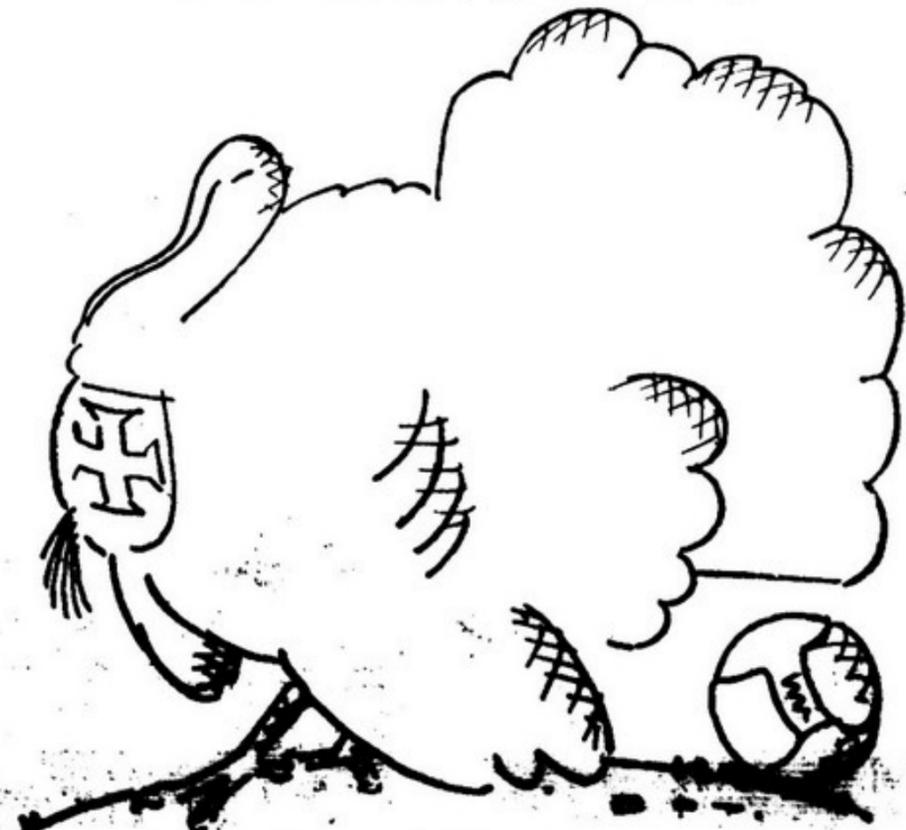
Rebola-A-Bola.

LISBOA VENCE

Lisboa vence, que os homens de Lisboa, Representando essa provincia imensa, Segundo a Imprensa, Nas suas grande colunas apregôa, No Congresso Geral Da nossa Federação da Borrachinha, Fizeram a defeza colossal Da já imorredoura ournésinha. Lisboa vence, mas morre no seu posto. E é Lisboa que vence, que deserta.

Que a porta do Congresso estava aberta Aos varios oradores provincianos, Oradores lisboetas, Valentes oradores milicianos, Que dizendo umas tretas, Puzeram os patricios a cavar. Lisboa vence, mas leva grande sova. E é gente de Lisboa que a cavar Vai fazendo a Lisboa a linda cova. ZE MARIA

OS INCHADOS



Consta que está um verdadeiro peru o grupo de Belem

ECOS DA SEMANA



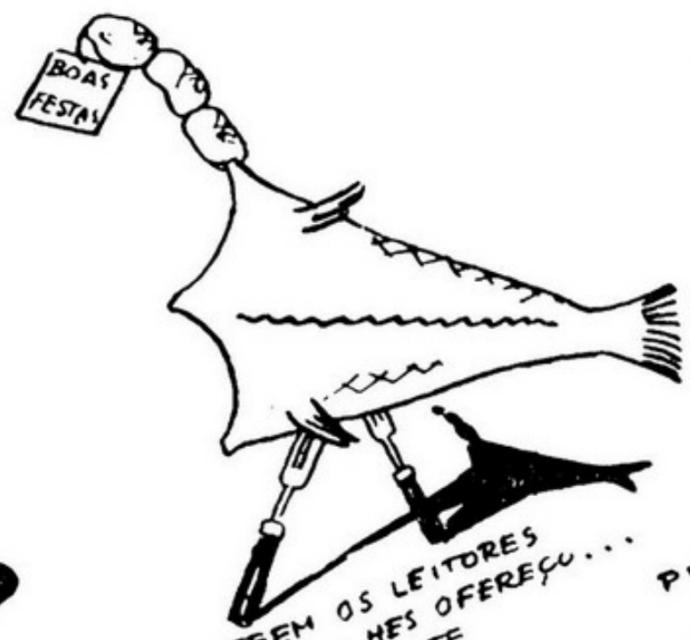
UM BALÃO POUCO CATIVO AOS ESPAHOIS FUGIU DA RA D. GLEMTEJO SENDO OS TRIPULANTES CATIVAMENTE RECEBIDOS. DE-U QUE FICARAM MAIS CATIVOS DO QUE O BALÃO



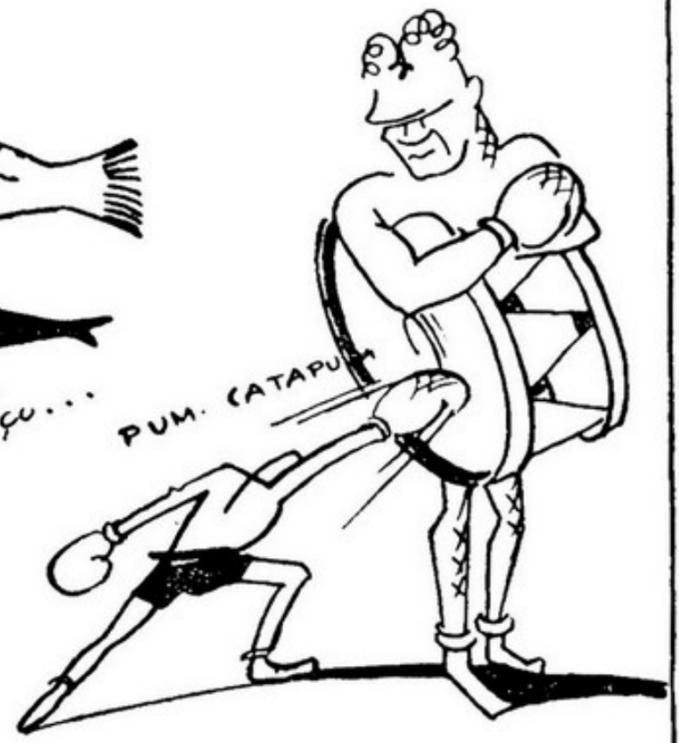
BREVEMENTE NOVA MRS. PORTUGAL PARA A NOITE - COMO DE NOITE TODAS AS GATAS SÃO PARADAS DESTA VEZ GANHAMOS.



NO MEXICO OS MARIDOS POEM AS BARBAS DE MÓLHO, POR CAUSA DA LEI SOBRE OS CONJUGES INFIEIS.



AQUI TEM OS LEITORES OPERU QUE LHEZ OFEREÇU... E ESTÃO COM SORTE



O SANTA TEM FEITO GRANDE SUCESSO EM PARIS COMO BOMBO DE FESTA - AQUILO NÃO É UM SANTA E UM SANTO.



KOSTRUJKOV KONSTRUKTOR E DIRECTOR DO GRUPO (U. SACOS (AS CALLAS SÃO UBI SACOS))

